

PARA MUITO ALÉM DA IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA: OS MITOS COMO NARRATIVAS ORAIS NUMA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO LITERÁRIO E DE ANÁLISE DO DISCURSO POR BAKHTIN

Sheyla Campos Almeida¹

Resumo: Considerando as narrativas orais, como o mito, enquanto gênero textual, vê-se que não há uma exata definição para mito, mas inúmeras considerações sobre o que é mito. Portanto, há necessidade de esclarecimento sobre a relação deste termo com literatura, considerando a análise do discurso por Bakhtin como uma prática da linguística no campo da Comunicação, e consiste em analisar a estrutura de um texto e a partir disso compreender as construções ideológicas presentes no mesmo. Desta maneira tornar-se-á viável ao leitor compreender o valor de narrativas orais às sociedades de nossa região, e, mais ainda, tendo seu valor sociocultural considerado dentro da escola.com isso as suas representações mentais de percepção e produção dos sons, no falar em estudo.

Palavras-chave: Prática oral; Letramento; Mito; Imaginário simbólico.

Beyond Symbolic Imagination: Myths As Oral Narratives From A Perspective Of Literary Literacy And Discourse Analysis By Bakhtin

Abstract: Considering oral narratives, such as myth, as a textual genre, one sees that there is no exact definition for myth, but numerous considerations about what is myth. Therefore, there is a need to clarify the relation of this term to literature, considering the discourse analysis by Bakhtin as a practice of linguistics in the field of Communication, and consists of analyzing the structure of a text and from this understanding the ideological constructs present in it. In this way it will become viable for the reader to understand the value of oral narratives to the societies of our region and even more, having their sociocultural value considered within the school.

Keywords: Oral practice Literature, Myth, Symbolic imaginary.

¹ Universidade do Estado do Pará. orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7060-7471>; e-MAIL: sheylac65@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os estudos de autores contemporâneos do dialogismo, propostos nas aulas da disciplina Dialogismo e Educação, em uma perspectiva dialético- dialógica, gerou discussões pertinentes para o entendimento de temas educacionais e da cultura amazônica a partir da teorização de Mikhail Bakhtin (1895- 1975) e Valentin Volóshinov (1895- 1936). Discutir conceitos a partir desses autores e analisar questões relativas à educação a partir de leitura desses filósofos de diálogo são os objetivos que encaminham a trajetória da disciplina.

Observando a diversidade de mitos e narrativas orais existentes em nossa sociedade, o que não poderia ser diferente em grupos sociais amazônicos, uma vez que a variedade de narrativas orais míticas é extensa, e que para inúmeras sociedades é a real história do mundo; no que se pode observar, claramente, a frequência dos mesmos elementos usados para narrar um fato como o surgimento de um rio, de uma flor etc., por exemplo. A tradição oral aparece como história, pois para os ribeirinhos amazônidas, por exemplo, a mitologia é a real história de seu universo regional. As narrativas orais carregam um significado especial, nos quais se incluem elementos religiosos e fantásticos, pois as sociedades respeitam e preservam as suas tradições. Na maior parte dos grupos sociais brasileiros a mitologia ainda é viva.

A Análise do Discurso é uma prática da linguística no campo da Comunicação, e consiste em analisar a estrutura de um texto e a partir disso compreender as construções ideológicas presentes no mesmo.

O discurso em si é uma construção linguística atrelada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido. Ou seja, as ideologias presentes em um discurso são diretamente determinadas pelo contexto político-social em que vive o seu autor. Mais que uma análise textual, a análise do Discurso é uma análise contextual da estrutura discursiva em questão.

Normalmente, discutem-se as contribuições da Linguística para a análise de gêneros, entretanto, as contribuições que o método sociológico e os estudos de gêneros podem trazer para a Linguística quase não são

abordadas: o diálogo entre esses dois campos de estudo nem sempre se apresenta como uma via de mão dupla, logo surgem as dificuldades de articulação no campo dialógico.

Partindo da concepção de que cada campo de investigação da linguagem tem suas especificidades, mas que, respeitando essa concepção, é possível e desejável o diálogo entre eles, cujo objetivo é apresentar e discutir as contribuições que as pesquisas de gêneros do discurso podem trazer para a pesquisa. Partiremos da discussão que Bakhtin faz a respeito do texto como ponto de partida para o estudo do homem e da sua linguagem nas ciências humanas, sociais e da linguagem.

Como Bakhtin concebe os gêneros do discurso? O autor define os gêneros como tipos de enunciados, relativamente estáveis e normativos, que estão vinculados a situações típicas da comunicação social. Essa é a natureza verbal comum dos gêneros a que o autor se refere: a relação intrínseca dos gêneros como enunciados (e não como uma dimensão linguística e/ ou formal propriamente dita, desvinculada da atividade social, que excluiria a abordagem de cunho social dos gêneros); isto é, a natureza sócio- ideológica e discursiva dos gêneros.

Dessa forma, os gêneros estão ligados às situações sociais da interação: qualquer mudança nessa interação gerará mudanças no gênero. Para Bakhtin os gêneros também são formas de ação: na interação, eles funcionam como índices de referência para a construção dos enunciados, pois balizam o autor no processo discursivo, e como horizonte de expectativas para o interlocutor, no processo de compreensão e interpretação do enunciado. Desse modo, para a interação, é necessário tanto o domínio das formas da língua quanto o das formas do discurso, isto é, o domínio dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016, p.11- 22). Se o autor conceitua os gêneros como tipos de enunciados, para entender essa relação é preciso compreender o que é o enunciado para o círculo bakhtiniano. Para Bakhtin, o enunciado é a unidade concreta e real da comunicação discursiva, uma vez que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos de uma ou outra esfera da atividade e comunicação humanas. Cada enunciado, dessa forma, constitui-se em um novo acontecimento, um

evento único e irrepitível da comunicação discursiva. Ele não pode ser repetido, mas somente citado, pois, nesse caso, constitui-se como um novo acontecimento. Mas é também como elemento inalienável que o enunciado representa apenas um elo na cadeia complexa e contínua da comunicação discursiva, mantendo relações dialógicas com os outros enunciados: ele já nasce como resposta a outros enunciados (surge como sua réplica) e mantém no seu horizonte os enunciados que o seguem (todo enunciado está orientado para a reação-resposta ativa do(s) outro(s) participante(s) da interação.

Na visão bakhtiniana, o discurso está sempre voltado para seu objeto(tema) que já traz no bojo de outros falantes. Em consequência o discurso é sempre levado dialogicamente ao discurso do outro, repleto de entonações, conotações e juízos valorativos. Assimila o outro discurso, refuta-o, funde-se co ele, e, assim, acaba por constituir-se enquanto discurso. Enfim, o discurso forma-se a partir relações dialógicas com outros discursos, que influenciam o seu aspecto estilístico. Bakhtin ressalva que o discurso é “diálogo vivo”, por isso, está sempre voltado para a réplica, para a resposta que ainda não foi dita, mas que é provocada e, conseqüentemente, passa a ser esperada. Na atualidade, adotar a unidade discurso como objeto de estudo é compreender a amplitude do domínio da linguagem. É compreender o jogo interacional e ideológico no qual as manifestações linguísticas ocorrem, bem como as regulações de poder e saber às quais estão submetidas.

Para Bakhtin, o enunciado é a unidade concreta e real da comunicação discursiva, uma vez que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos de uma ou outra esfera da atividade e comunicação humanas. Cada enunciado, dessa forma, constitui-se em um novo acontecimento, um evento único e irrepitível da comunicação discursiva. Ele não pode ser repetido, mas somente citado, pois, nesse caso, constitui-se como um novo acontecimento. Mas também como elemento inalienável que o enunciado representa apenas um elo na cadeia complexa e contínua da comunicação discursiva, mantendo relações dialógicas com os outros enunciados: ele já nasce como resposta a outros enunciados surge como

sua réplica e mantém no seu horizonte os enunciados que o seguem. Todo enunciado está orientado para a reação-resposta ativa do(s) outro(s) participante(s) da interação.

Quanto a constituição do enunciado, ele é composto não só de uma dimensão verbal, o seu material semiótico e a organização desse material em um conjunto coerente de signos (a organização textual), mas também de uma dimensão social, a sua situação de interação, que inclui o tempo e o espaço históricos, os participantes sociais da interação e a sua orientação valorativa.

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo o trabalho de investigação de um material linguístico concreto - seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionário ou de estilística da língua, etc. - opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação - anais tratados, textos de leis, documentos de escritórios e outros, diversos gêneros literários, científicos, publicísticos, cartas oficiais e comuns, réplicas do diálogo cotidiano (em todas as suas diversas modalidades), etc. de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam. (Bakhtin, p. 17)

Desse modo, considerando-se a dimensão social como parte constitutiva do enunciado, este tem autor e destinatário, tem uma finalidade discursiva, está ligado a uma situação de interação, dentro de uma dada esfera social, entre outros aspectos. A situação de interação não é um elemento externo (contextual); ela se integra ao enunciado, constituindo-se como uma das suas dimensões constitutivas, indispensável para a compreensão do sentido do enunciado.

O SIMBÓLICO, O IMAGINÁRIO NA NARRATIVA MÍTICA

Conhecer os mistérios, as tradições, as memórias, a imaginação simbólica, os rituais de grupos sociais distintos, é sempre intrigante e estimulante para quem deseja conhecer, de modo mais amplo, o modo de vida das sociedades humanas, em especial neste estudo, as sociedades ribeirinhas das ilhas de Belém; e, mais, ainda, partilhar com outras pessoas curiosidades, religiosidade, costumes e tradições.

A imaginação não é, como o sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade.

O imaginário deve ser respeitado em sua essência de verdade e não como ficção, ilusão, fantasia, invenção, uma vez que a força criadora da imagem já se estabeleceu na ciência. É necessário um extensivo estudo da produção cultural humana, especialmente das imagens que surgem a partir das narrativas orais, das religiões e das manifestações culturais dos grupos sociais. Logo, faz-se necessário estabelecer um trajeto antropológico do imaginário, que abranja do biológico ao social, bem como do social ao biológico.

As práticas discursivas geram também outros âmbitos de análise do discurso, como o Universo de Concorrências, que consiste na competição entre vários emissores para atingir um mesmo público alvo. A partir disto, os emissores precisam inteirar-se do contexto da vida do seu receptor, para que deste modo possam interpelá-lo segundo sua própria ideologia, fazendo com que assim, sua mensagem seja recebida e assimilada pelo receptor sem que o mesmo perceba que está sendo alvo de uma tentativa de convencimento, por assim dizer.

Os símbolos, o imaginário e os mitos podem se tornar receptores das projeções dos medos, interesses e aspirações; delinear comportamento, modo de agir e percepções de mundo desde que

dividido por pessoas, criando uma comunidade de sentido e corporizar uma definida visão de mundo.

Para Rocha Pitta (2005, p. 16) o mito seria, então, a organização de imagens universais (arquetípicas) em constelações, em narrações, sob a reação transformadora da situação social. O inconsciente coletivo é estruturado pelos arquétipos, ou seja, por disposições hereditárias para reagir. Esses arquétipos se expressam em imagens simbólicas coletivas, o símbolo como a explicitação da estrutura do arquétipo.

Durand vai falar em imaginário e não em simbolismo, pois o símbolo seria a maneira de expressar o imaginário, mas para ele esses sistemas simbólicos não são independentes, pois decorrem de uma visão de mundo específica, imaginária, que é a própria cultura.

Para abordar a “convergência”, termo estabelecido por Durand a respeito de como se organiza os símbolos, define-se os termos empregados em: schème, arquétipo, símbolo e mito. Mito para Durand é um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e schèmes que tende a se compor em relato, ou seja, que se apresenta sob forma de história. Por esse motivo, já apresenta um início de racionalização.

O MITO E A REALIDADE CULTURAL

O mito é um relato fundante da cultura: ele vai estabelecer as relações entre as diversas partes do universo, entre os homens e o universo, entre os homens entre si. Por sua construção, próxima da composição musical que comporta refrãos, repetições, o mito tem sempre uma dimensão pedagógica. É ainda função do mito fornecer modelos de comportamento, ou seja, permitir a construção individual e coletiva da identidade.

As definições dadas pelos mais diversos estudiosos a respeito do assunto, levam a crer que não há um conceito único para mito, como verifica-se em Mircea Eliade (2002) que estabelece um conceito para mito:

Mito é uma narrativa tradicional sobre o passado que frequentemente inclui elementos religiosos e fantásticos. Alguns tipos de mitos são encontrados em todas as

sociedades, embora funcionem de maneiras diferentes em cada uma delas. Os mitos podem tentar explicar a origem do universo e da humanidade, o desenvolvimento de instituições políticas ou as razões das práticas rituais. Os mitos muitas vezes descrevem as façanhas de deuses, de seres sobrenaturais, ou de heróis que tem poderes suficientes para se transfigurar em animais e para executar as mesmas funções do mito, e os dois de narrativas do passado se confundem.

Para Mircea Eliade (2002, p.155) o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. O mesmo autor diz que a definição menos imperfeita de mito, por ser mais ampla é:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças a façanhas dos entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorre, do que se manifestou plenamente. As personagens do mito são os entes sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o mundo e o converte no que é hoje e mais: é em razão da intervenções dos entes sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.

Figura 1- Ilustrativa de Personagem Mítica Saci Pererê



Fonte: <https://tse4.mm.bing.net/th?id=OIP.6qJDZGHZgQuixZmiQZrBkQHafY&pid=Api>

O fato é que os mitos se organizam em conjuntos e variações em torno de um núcleo temático, é considerado como uma linguagem a ser traduzida, reconstruindo a sua lógica interna através de uma interpretação adequada. Seria constante a maneira como o mito é construído, a sua forma e sua estrutura, mas variando os significados. A estrutura básica que constitui o mito pode ser considerada como um modelo de funcionamento do imaginário de cada grupo social existente na humanidade.

Por muito tempo o mito foi minimizado como um relato fantasioso, de origem popular e irrefletida. Entretanto, entende-se que os estudos sobre mitos são extensos, ricos e aprofundados.

Surge ainda uma inquietação sobre o que é mito e o que é história. Lévi Strauss (2000, p.17) levanta este questionamento:

O problema é este: onde acaba a Mitologia e onde começa a História? No caso completamente novo para nós de uma História sem arquivos, sem documentos escritos, apenas

existe uma tradição verbal, que aparece ao mesmo tempo como História.

Os estudos sobre mitos como gênero literário, mostram que ao analisar as narrativas, deve-se dividi-la em partes e não iniciando em toda sua dimensão. Antes de qualquer tentativa de analisar o mito, propõe-se descrevê-lo, conhecer as partes que o constitui, verificar as ações das personagens, a significação que existe nele, o sobrenatural, a presença de Entes Sobrenaturais, as influências que o mito exerce sobre a comunidade local (ribeirinhos).

O CARÁTER SURREAL DO MITO NA NARRATIVA ORAL E O LETRAMENTO LITERÁRIO

Considerar o caráter surreal do mito, conduz-nos a certas perplexidades, uma vez que temos uma visão de mundo diferenciada de acordo com o grupo social do qual fazemos parte, considerando que surrealismo foi um movimento artístico fundado em Paris pelo poeta André Breton, esse movimento usa a arte como uma arma contra os erros e males, que os artistas veem na sociedade. Declaram que um mundo mágico mais belo que o real pode ser criado na arte e na literatura; tentam chocar os leitores revelando o que consideram mais profundo e mais verdadeiro na natureza humana. Os escritores levaram em consideração ao criar suas obras, forças mentais, como sonhos e o subconsciente.

Reconhece-se aqui o poder transcendental da leitura, mas essa transcendência não é algo totalmente desvinculado da realidade que nos cerca, pois se assim o fosse, não interviria na realidade, sendo apenas responsável pela reprodução alienante. Pelo contrário, porém, o poder e a magia da literatura encontram eco exatamente nessa realidade, ajudando-nos a compreendê-la e nela intervir, recriando-a. Ao mergulhar na leitura, [o leitor] entra em outra esfera, mas não perde o sentido do real e aí está, a nosso ver, a função mágica da literatura: através dela vivenciamos uma outra realidade, com suas emoções e perigos, sem sofrer as consequências daquilo que fazemos e sentimos enquanto lemos. Compreende-se, pois a leitura como espaço de interação, como “prática

social” e será a leitura tanto mais proveitosa quanto maior for a quantidade de provocações e desafios que ela dirigir ao leitor, este compreendido como sujeito ativo no ato de ler. Um trabalho com a leitura literária na escola deve, portanto, levar em conta algumas reflexões, partindo das questões aqui levantadas: que concepções de literatura e de leitura norteiam o trabalho com o texto na escola? Como trabalhar a leitura socialmente sem que ela perca seu poder transcendente? Qual o papel do leitor frente ao texto? Tais questões e muitas outras surgem à medida que o texto literário passa a circular na escola, trazendo a necessidade de que com ele seja realizado um trabalho que vá além de uma simples leitura e realização posterior de exercícios de fixação.

Especialmente nas sociedades com deficiências de bens culturais ou do acesso a eles, onde é possível que as crianças e o adolescente somente tenham contato com o livro e a leitura literária nas escolas, cabe exatamente à escola não esquecer de seu papel, contribuindo para a acessibilidade dos bens culturais – entre eles a leitura literária – por parte de todos. Soares (2003), para a qual o termo designa práticas de leitura e escrita num contexto em que faça sentido, ou seja, o aluno precisa saber fazer uso social e envolver-se nas atividades de leitura e escrita.

Street, também, contribui:

O maior esforço, então, consiste em avaliar o que os sujeitos sabem sobre alguns dos textos escritos com raras preocupações sobre como as pessoas os usam e o que fazem com eles em diferentes contextos históricos e culturais (Street, 2014, p. 9).

Analisar a utilização de métodos diferenciados de leitura e letramento por meio de narrativas orais, de certa forma conduz o leitor a evidenciar o surrealismo contido no mito; conhecer e discutir o gênero textual mito como literatura.

Figura 2- ilustração de figura mítica Cobra Grande



Fonte: <https://binged.it/2R4pV9t>

Para o narrador o fato possui um caráter real, embora não o tenha presenciado e, a fim de confirmá-lo como fato verdadeiro, eles usam o mito como meio de confirmação de suas tradições sociais e culturais. Os mitos se fortalecem através da oralidade, sempre contado por algum antepassado que contou a outro alguém como aos avós, aos tios mais velhos, amigos mais idosos.

Legros et al (2007, p. 155), afirma que “Para Durand, a imaginação simbólica está na origem das teorias científicas”:

O imaginário [tem a capacidade] de incitar, de dirigir a pesquisa científica ou técnica. Canguilhem (1952) tinha reparado que o desenvolvimento heurístico segue um plano e uma visão imaginários. Este biólogo tem um imaginário do fragmento, da célula, da molécula: seu schème verbal é “cortar” e “frequentar”, enquanto o de outro, ao contrário, apenas situa sua investigação nos conjuntos, nos tecidos, nos órgãos, nas funções; por isso, seu schème verbal é “tomar coerente” e “globalizante”. Bachelard tinha já assinalado

esse fenômeno: não importa como se inventa, e sim que se está sempre preparado para um devaneio inventivo, uma declinação imaginária. Holton, físico de Harvard, magistralmente mostrou que são as “forças” problemáticas radicalmente opostas que levaram Einstein e Niels Bohr a suas teorias. Em um, o imaginário do contínuo; em outro[...], o imaginário do pontual e do descontínuo (1996, p. 180-181).

As narrativas como as que relatam o nascimento de Jesus, em que a virgem Maria é engravidada pelo Espírito Santo; nos relatos que envolvem o surgimento do mundo com o fenômeno do Big Bang, em que cientistas afirmam que a origem do universo foi a partir de uma explosão, ou até um conto do caboclo amazônica como narrativa do Boto, em que um moço encantado engravida uma moça às margens de um rio, há um caráter surreal que envolve a essência do mito ocidental.

Pitta (2005, p.20) diz que:

o mito vai transformar em linguagem, em relato (história), as escolhas assim feitas; e tal relato, por sua vez, vai organizar o mundo, estabelecer o modo das relações sociais, e seus personagens vão servir de modelo para a ação cotidiana dos indivíduos. São, pois, os schèmes, os arquétipos, os símbolos, e os mitos que vão, a partir de sua organização, feita por uma dada cultura, orientar o desenvolvimento dessa cultura.

O imaginário possui regras, isto é fato, e, somente um estudo aprofundado nos conduz nas veredas deste entendimento, mostrando-nos a subjetividade que os aspectos fenomenológicos identificados nos relatos das vivências apresentam a partir do simbólico imaginário dos grupos sociais que constituem a humanidade de um modo geral.

A FENOMENOLOGIA E A NARRATIVA ORAL RIBEIRINHA

Entender a fenomenologia como a ciência que estuda o fenômeno ou aquilo que se mostra e se mostra a nós (à consciência), uma vez que nós humanos somos aqueles que buscam o sentido daquilo que se mostra, o seu significado, é essencial. E, nesse sentido, não estamos ligados somente ao mundo físico, uma vez que também percebemos as “coisas” abstratas e os próprios acontecimentos que podem envolver coisas materiais, abstratas, sentimentos, fatos que transcendem o mundo físico. A consciência não é fechada em si e, por isso, também não é vazia, mas relacional.

O comportamento, então, consiste numa série de experiências que são distintas de todas as outras devido a uma intencionalidade primordial de atividade espontânea, a qual permanece a mesma em todas as modificações intencionais.

Os estudos de Alfred Schütz (1974) – autor inspirado na filosofia husserliana e na sociologia weberiana que buscou estabelecer as bases de uma Fenomenologia Social voltada para a vida e as experiências cotidianas, com contribuições pertinentes à pesquisa qualitativa, assim como métodos de análise que conduzam ao entendimento das realidades sociais por meio do estudo de narrativas. Este autor busca compreender o sentido do universo cotidiano, a forma como se relacionam na convivência diária pessoas que vivem em determinada sociedade.

Figura 3- moradia ribeirinha -



Figura 3- moradia ribeirinha - Fonte: <https://goo.gl/images/mJjKh7>

O caboclo amazônida, como qualquer indivíduo histórico, tem suas peculiaridades no modo de vida, na economia, na religiosidade, nos costumes, na cultura e, sobretudo, nas tradições que movem suas ações cotidianas no contexto histórico cultural de seu grupo social, portanto considerar estes costumes e tradições no mínimo é respeitar as crenças, os saberes populares, os anseios, os temores e o respeito pela natureza, pelo sobre natural, que, de certa forma, regem seu modo de vida.

As narrativas orais que circulam em seu meio permeiam o imaginário, ditando regras e atitudes, assim como determinam comportamentos e tomadas de decisão de todas as ordens: pessoal, familiar, afetivo, e, até mesmo comercial quando os saberes populares determinam com base no ciclo lunar, por exemplo, quando fazer a colheita de determinada plantação ou conceituam e determinam valores ético- moral.

Os mitos que circulam por meio da oralidade entre estes grupos sociais ribeirinhos ainda são desconhecidos no âmbito escolar, no âmbito extra social, em sua grande parte, já que os contos, os mitos e as lendas que a sociedade amazônica conhece são aqueles que chegaram ao nosso conhecimento através dos livros didáticos e que são amplamente divulgados como folclore de um povo amazônida, como A lenda do Boto,

A Mula sem cabeça, O Curupira, O Saci Pererê, A Cobra Grande, etc., e que divergem do fato real, da realidade mítica que cada grupo vivencia de forma subjetiva mas que determinam e regem suas ações cotidianas, uma vez que o ribeirinho, de acordo com a localidade em que está inserido, possui seus contos, seus mitos e suas lendas particulares que são desconhecidos de alunos, professores e sociedade de modo geral, considerando que o mundo desconhece o particular, o regional, a vivência ribeirinha que são contadas, mantidas e repassadas de forma oral, a seus parentes, amigos, vizinhos, não havendo registros escritos destes relatos, criando sua identidade cultural. Em estudos de literatura percebe-se que a cultura amazônica é pouco valorizada no âmbito escolar, mas esta é uma literatura mais particular, em que se explora o funcionamento da imaginação.

Nota-se que possuem, em suas partes constitutivas, todas as características de uma narrativa já elencadas anteriormente neste estudo, mas que de forma inconsciente foi organizada na composição de tais relatos que regem a vida destas pessoas, podendo serem identificadas e classificadas como produção literária regional. Como diz Pitta (2005, p.55):

Mas a evocação bachelariana em explorar o funcionamento da imaginação e a lógica do imaginário não se reduz a um interesse especulativo, nem mesmo estético. A imaginação para ele, antes de tudo, um meio para o homem se aliviar, ou seja, curar-se de seus desajustes psíquicos, de sua estrutura neurótica, uma vez que seu mal existencial está marcado pela angústia e pelos medos primitivos.

Os indivíduos interpretam o mundo a partir de um ponto de vista, de conveniências, de impulsos, de desejos, de aspirações, mas considerando que a realidade não deve ser entendida sob o princípio da vaidade universal. Assim, o valor subjetivo de uma ação para o ator é individual e único, porque parte de uma situação única e particular, logo, como o senso comum se apresenta depende do experimento construído na existência concreta do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do exposto, considerar a imaginação simbólica do caboclo amazônida e a manutenção da tradição oral de contos e mitos que, de certa forma, regem suas vidas e cotidianos, também é considerar que esta tradição, mantida no seio dos grupos sociais ribeirinhos, não rompe os paradigmas de silenciamento que estão estabelecidos nas relações sociais destes grupos, uma vez que estas narrativas orais não alcançam professores e escola por meio de práticas pedagógicas que valorizem as expressões de literatura que alimentam e mantêm as tradições orais, que fomentam o caráter lúdico e poético aplicados nas rodas de conversas que se formam quando membros de uma mesma comunidade ou de visitante, se reúnem para relatar fatos míticos considerados reais numa perspectiva histórica da realidade do homem ribeirinho. Assim, em conformidade com esse olhar, todas as práticas de leitura nos humanizam e, humanizando-nos, nos tornam mais próximos e abertos ao diálogo escolar. Portanto, práticas de leitura do texto literário e não literário, são diálogos entre o passado e o presente, através dos quais compartilhamos saberes, experiências e visões de mundo e de vida.

Sendo assim, os resultados deste trabalho podem incorporar outras formas de manifestação literária à escola, como os círculos de leitura que são “espaços de compartilhamento”, o que evidencia a natureza dialógica da leitura e sua relevância como uma prática social e historicamente situada de construção de sentidos e saberes que perpassam pelas narrativas orais míticas que difundem letramento literário de um grupo social.

As aplicações metodológicas desenvolvidas ao longo dos anos demonstram que a correlação da literatura com o cotidiano é uma relação possível de se estabelecer, porém, faz-se necessário a aplicabilidade de ações efetivas, em que todos envolvidos na comunidade escolar estejam consonantes às práticas literárias efetivadas dentro da escola e fora dela. A leitura literária, assim como a exposição oral de narrativas míticas de grupos sociais distintos por meio de contação, que não possuem registros orais, necessitam ser descobertas pelo leitor infanto-juvenil como uma

fonte infinita de prazer/saber/fazer, o uso de estratégias de leitura promove a interação deste leitor com o texto, com o diálogo, com a contação, assim como a aplicação de metodologias é capaz de integrar a relação às várias relações possíveis com o leitor. Ao professor caberá a função de mediar estas ações.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Ed. 34, 2016.p. 11- 22.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**.6^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LÉVI-STROUSS, Clod. **Mito e Significado**. Edições 70, 2000.

MONNEYRON, Frédéric, RENARD, Jean-Bruno, LEGROS, Patrick e TACUSSEL, Patrick. **Sociologia do imaginário**; tradução de Eduardo Portanova Barros. Porto alegre: Sulina, 2007 - (Coleção Imaginário Cotidiano)

ROCHA PITTA. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**, Rio de Janeiro, 2005, p. 16.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sócias**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

Recebido em 02/02/2024

Aprovado em 30/12/2024